

Director-Proprietario, Editor
Ferreira da Silva
 Redacção, administração,
 composição e impressão
Rua do Alportel, 23 a 27
 SEMANARIO INDEPENDENTE
 NUMERO AVULSO 30 CENTAVOS

O ALGARVE

O ALGARVE É O JORNAL QUE A TODOS INTERESSA.
 ANUNCIAR NELE É TER A CERTEZA DE UM BOM EXITO.

UM ANO MAIS

Algumas palavras sobre a festiva data que hoje entusiasticamente celebramos

Transpõe, com o presente numero os umbrais do vigesimo quarto ano de existencia, *O Algarve*, que é, ha muitos anos, o decano dos jornaes da nossa provincia.

Não é um acontecimento vulgar, nos semanarios provincianos, celebrar vinte e quatro anos e, se isso não nos envaidece, nem por esse motivo deixamos de confessar, com jubilo, que tal se deve á nossa perseverança e ao bom acolhimento que o jornal tem sempre merecido dos nossos presados leitores e que esperamos continue merecendo.

Encontramo-nos proximo da celebração das bodas de prata, o que representa, por certo, alguma coisa portas-a-dentro do jornalismo.

Temos sempre vivido independentes e afastados de todo e qualquer credo politico e assim esperamos continuar a viver. Nunca nos movêram odios ou paixões contra quem quer que seja, nem mesmo contra qualquer facção politica. A nossa independencia é a alavanca que nos tem dado sempre o desassombro com que por vezes atacamos principios e idéas manifestamente prejudiciaes aos interesses da nossa provincia. E, se com desassombro atacamos, com igual vigor defendemos as questões dignas de interesse para este recanto sagrado da terra portugueza, para este rincão formoso, de campos tão lindos, de mar dulcissimo, onde o prateado luar é lindo e sem rival.

Depois do Bem da Patria, só nos interessa este Algarve em flôr, jardim de encanto e mulheres, cujos olhos negros causam inveja ás estrelas, que brilham no céu, pelas noites de inverno...

E digamos com fé que este doce Algarve, de temperado e amêno clima, bem merece de todos nós o mais acendrado amor ou a mais fervorosa amizade.

E se somos fieis ao nosso propósito de defesa nas questões mais palpitantes do nosso regionalismo, nem por isso temos descurado o acentuado progresso do nosso semanario, modesto é certo, indo mesmo além do que prometeramos ao passar-se o vigesimo terceiro aniversario.

E' que «o pequeno, mas aguerrido grupo de combatentes de boa vontade, que é *O Algarve*» não conhece desfalecimentos e por isso jamais faltará ao que promete. E' assim que o nosso jornal corresponde ao bom acolhimento dispensado pelos seus queridos leitores, que são outros tantos propagandistas de *O Algarve*.

Neste dia, que consideramos feliz, endereçamos aos nossos assinantes, leitores, anunciantes e colaboradores, toda a nossa gratidão pelo apoio concedido desde

há tantos anos, o qual representa para nós um motivo de orgulho e a compensação desta ardua e ingloria batalha, que é o jornalismo.

Meus Amigos:

Errando pelo paiz para ganhar a vida, não me esqueço de que *O Algarve* entra no vigesimo quarto ano da sua vida. Este aniversario, que ha tantos anos celebro com regosijo, encontra-me fóra da minha tranquilidade habitual. Não tenho nem a meza da redacção, onde todos satisfeitos nos encontravamos no dia proprio, nem a carteira da minha casa com o seu remanso tranquilo e alto de primeiro andar a contar do ceo azul da Lisbia Amada. O que não falta é a mesma fé e o mesmo entusiasmo, a fé na eficacia do nosso esforço e o entusiasmo por esta batalha que não acaba, por este combate pela Verdade e pelo Bem que só se extinguirá quando os nossos corações deixarem de bater. Temos caminhado e temos progredido, podemos orgulhar-nos d'isso.

Uns após outros aqui chegamos, todos animados das mesmas idéas, a defender os mesmos fins que queremos atingir. Sósinhos durante anos, eu e Ferreira da Silva tivemos a satisfação de ver acorrer outros que nem por virem mais tarde deixam de ser mais esforçados e valiosos. E todos juntos conseguimos o que *O Algarve* é—um forte baluarte regionalista, um grande combatente pelo resurgimento e pelo equilibrio das forças nacionaes, um defensor acerrimo das instituições que mantêm a tradição, a ordem e a disciplina na sociedade portugueza. Gostamos todos mais de defender idéas do que defender homens, e, se algumas vezes defendemos estes, é por que concretizam tão forte e grandioso as idéas, que é forçoso aplaudil-os e amparal-os para que elas triunfem.

Ninguem aqui defende interesses individuais nem de corrilho ou de partido politico.

Visa mais alto o nosso intento—a defeza do bem e do interesse da região e da Patria.

Creio que estamos todos de acordo em continuar este combate e por isso eu, cá de longe, saúdo todos os companheiros de trabalho e todos os que com as suas assinaturas e os seus anuncios fazem viver e prosperar *O Algarve*, certo de que entre eles e nós existe a conformidade de idéas e solidariedade de esforço necessario para que isto continue a caminhar.

Abraça-os

J. de Lemos

Vizeu, 26 de Março de 931

Gazetilha

Em nossa vida privada, Quando sentimos, saudosos, A velhice aproximada, Não se diz ás vezes nada, Se os anos passam, teimosos...

São mais desgostos recentes, Talvez mais cabelos brancos, Carecas mais reluzentes, Pequenas coisas frementes Que a vida leva aos arrancos...

Em obras de nosso amor, Os anos são mais vividos... Ha neles, sempre, um calor Que lhes dá vida e fulgor: Que fala aos nossos sentidos!

Um novo ano, no jornal, E' mais um lustre de gloria, Mais um capitulo, afinal, De grande valor local, Na sua vibrante historia!

Nesta data festejada, Minha saudação singela E' a prenda costumada; Se não vale mesmo nada, Boa amizade revela.

Da saudade alguns sargacos Ficam, tristes, no caminho, O pobre Bernardo de Passos, De lindos versos esparços, Deixou vago o seu «cantinho».

Abraços de saudação, Destes versos não desligo, Para toda a redacção: Mas lembro com emoção A morte do nobre amigo!

Dr. Mostarda

RECORDAR...

Num esforço, que o tempo reduzido de que disponho me proporciona, quero recordar esta efemeride de *O Algarve*, escrevendo algumas linhas para ele, agora que vai entrar no seu 24.º aniversario. Este facto causa-me imenso regosijo neste momento em que «*O Algarve*», remoçado, toma vulto dentro do jornalismo algarvio.

Dizem que recordar é viver!!!
 Pois vivamos, recordando.

Do velho «*Algarve*» alquebrado, tropego quasi a succumbir, como por magia nasceu o moço «*Algarve*» de linhas impeccaveis, apresentavel e moderno; e todavia, nunca deixou de terçar armas com arrojo e valentia, detendo e combatendo, implacavel, dentro da verdade e da justiça sem contemporisções nem favoritismos. Quem não desertou naquele tempo de dificuldades e de tradições *gralhetras* hoje muito menos.

Esses farrapos de tempo que dediquei a «*O Algarve*» e que a doença me impossibilitou de continuar, recordo-os com saudade, assim como essa bôa camaradagem e são convívio.

Conjuntamente á satisfação e á alegria que me encheu a alma nessas lides novas para mim, como o amor impaciente e insaciavel da mocidade, em corolario, vieram desilusões e dissabores que não me encheram de desanimio e sim de incitamento que me foram compensadas pelo prazer, que todos nós sentimos quando satisfazemos uma aspiração.

Findando, num abraço amplo, eu saúdo neste momento, colaboradores, assinantes e leitores, reservando para o meu caro Ferreira da Silva os meus maiores desejos de prosperidades e longa vida de *O Algarve*.

Henrique B. Leote

REMEMORANDO

Homenagem a «*O Algarve*», decano dos jornaes algarvios pelo seu aniversario

O celebre inventor da Imprensa foi Gutenberg, que nasceu em Moguncia, pelos anos de 1400.

Em 1536, encontrando-se em Strasburgo, formou com outros uma sociedade para exploração de processos secretos da sua invenção, a Tipografia, então nascente. Em 1446, voltando á Moguncia, forma uma nova sociedade, que se dissolveu pouco tempo após, por desavenças dos seus maus associados. Gutenberg fundou uma nova Imprensa na mesma cidade, e ali imprimiu, segundo parece, a famosa Biblia de trinta e seis linhas.

A historia do grande inventor é cheia de obscuridades, tanto no que diz respeito aos pormenores da sua vida, como no que pertence aos progressos e aperfeiçoamentos da sua invenção, concorrendo para aumentar as trevas, o proprio inventor que, talvez por ser nobre, não fez o seu nome em nenhuma das obras que publicara e que por interesse dos seus associados procurou por todos os modos occultar os seus processos, afim de evitar a concorrência. Em 1465 foi nomeado gentil homem da Corte, junto a uma pequena pensão; e assim o honrado, pobre e celebre inventor, faleceu em 1468.

O descobrimento da Tipografia foi contestado pelos seus companheiros desleaes e invejosos, com o que absolutamente nada conseguiram. E se bem que tardiamente, a posteridade, em 1839, levantou-lhe em Moguncia, sua patria, uma estatua, devida ao cinzel d'um grande escultor sueco, e, um ano depois, Strasburgo inaugurava outro monumento feito pelo exímio escultor francez David d'Angers, que representa Gutenberg na occasião em que retira da sua imprensa uma fôlha, em que estão impressas estas palavras:

E fez-se a luz!...

As gazetas começaram mais tarde, e o periodico publicado com regularidade data do século XVII, parecendo que a Holanda teve a primazia n'esse ponto, cujo primeiro numero foi dado á luz em 23 de maio de 1622, com o titulo de «Noticias semanaes» da Holanda, a que se seguiu a 30 do mesmo mez e ano, em outros paizes, traduzidos do original holandez.

A França, apesar do desejo que sempre nutriu de ser a primeira em tudo, d'esta vez ficou atraz, não só da Holanda, como da Inglaterra, Alemanha, Italia, etc., pois que só imprimiu um periodico no 1.º de Abril de 1631, o qual, depois de ter adoptado diferentes titulos, tomou o de «Gazeta de França».

Quanto a Portugal, ainda se não poudo dissipar o nevoeiro que encobre as origens do primeiro jornal luitano! Julgam os bibliografos que nascera no mez de novembro de 1641, por ser esta a data da primeira gazeta que até agora tem apparecido, e de que há exemplares na Biblioteca Nacional de Lisboa, na de Evora, etc. Mas sobre este ponto há suas duvidas, pois que entre nós, muito antes, appareceram varios impressos, papeis volantes, relações e noticias avulsas.

D'aqui por deante, além da Gazeta Musal, a Imprensa foi um dos mais poderosos auxiliares da gloriosa campanha da Restauração, em que Portugal, por successivas e assignaladas victorias, obrigou a Espanha por um tratado de paz, depois de 28 anos de guerra, a desistir das vãs pretensões á corôa conquistada por D. Afonso Henriques.

Como quer que seja, essas relações foram os avoengos da Gazeta, com seis paginas de quarto, e continuou até 1647, com mais ou menos numero de

paginas, segundo a afluencia de noticias, e vendendo-se regularmente por 10 reis. Dezeses annos após o ultimo numero da Gazeta, appareceu o «Mercurio» tambem mensal que durou até Julho de 1667.

Restaurada a Gazeta no reinado de D. João V e que José Freire Monterroyo Mascarenhas, fecundissimo poliglota, redigiu durante 45 annos, sahe o primeiro numero d'esta série com o titulo de «Noticias» mas voltando a ser «Gazeta» no 2.º numero.

E para se conhecer como era o noticiario sumarissimo d'esses tempos, basta dizer que, tendo o terramoto de 1755 succedido a um sabado, e publicando-se a Gazeta ás quintas-feiras, ella publica o seguinte após 5 dias: —Lisboa 6 de Novembro de 1755.—O diaprimeiro do corrente ficará memoravel a todos os seculos, pelos terramotos e incendios que arruinaram uma grande parte d'esta cidade, mas tem havido a facilidade de se acharem nas ruinas os cofres da fazenda real e da maior parte dos particulares». E mais nada!

Hoje quando arde qualquer predio, se dá um crime passionnal, emfim, a despropósito de tudo, enchem-se paginas e paginas e publicam-se as maiores fantasias que a imaginação possa conceber! N'aquelle tempo, arrasada quasi toda Lisboa, mortas 60.000 pessoas, a Gazeta cifra todo este quadro horroroso, como nenhum na nossa Historia, apenas em seis linhas de noticiario!

Tal é o resumo do esboço historico do noticiario em Portugal, até á instituição da liberdade da imprensa em 1820. N'esse anno houve logo uma alluvia de periodicos, todos politicos, mas que tambem davam suas noticias, de vez em quando, se bem que fugitivas. O mesmo se pode dizer dos jornaes publicados após a restauração de 1833, com excepção do «Periodico dos Pobres» do Porto, que foi mui copioso em noticias dadas em folhetim epistolar, mas quasi sempre satiricaes, embora com muita graça e originalidade.

Foi a «Revista Universal Lisbonense» redigida pelo grande Antonio Feliciano de Castilho, desde 1841 a 1845, a que entre nós creou o verdadeiro e porveitoso noticiario.

Se nunca se haviam coligido com tanta abundancia, tambem jámais houvera quem as redigisse com tão enfeitado e maravilhoso artificio! O eminente poeta e prosador punha ali todos os encantos do seu estilo, todas as agudezas do seu espirito, as graças, ora amenas ora picantes do seu talento inconfundivel.

No curto lampejo de liberdade que houve em Portugal em 1820, alguns jornaes appareceram, entre eles o «Portuguez» no qual colaborou Garrett, e onde até começou a escrever folhetins teatraes. Antes d'isso José Agostinho de Macedo colaborou em varios semanarios literarios, e depois foi o panfletario do absolutismo com os seus virulentos artigos, que deixam a perder de vista os mais violentos panfletos dos nossos tempos.

Estabelecido definitivamente o regimen liberal, creou-se tambem uma imprensa. O orgão do partido nomeado foi a «Revolução de Setembro» fundado por José Estevam Coelho de Magalhães e Mendes Leite, de larga existencia.

Como orgão do partido legitimista foi dada á luz «A Nação» que durante longuissimos annos foi o decano de todos os jornaes portuguezes. Esses jornaes sacrificaram todas as outras secções aos artigos doutrinaes e de polemica, em que primou sobretudo o mais notavel dos jornalistas, Antonio Ra-

drigues Sampaio, mais conhecido pelo Sampaio da Revolução de Setembro.

A seguir vem o «Jornal do Comercio» em Lisboa, e o «Comercio do Porto» e «Diario de Noticias» que fundou a imprensa barata de 10 reis; Diario Illustrado, Diario de Portugal, Jornal da Noite, Progresso, Diario Popular, Diario da manhã, Novidades, Diario do Governo, etc, além duma grande quantidade de folhas burlescas e satiricas, como o Antonio Maria, Pontos nos i i, com caricaturas do impagavel Rafael Bordalo Pinheiro. Da imprensa litteraria temos «O Panorama» sob a alta direcção do grande Alexandre Herculano, e cuja publicação tão notavel se tornou; Revista Popular, Piarol, Epoca, Semana, Archivo Pitoresco, A Arte, Os dois mundos, O Ocidente, todos excellentemente colaborados, brilhando no terreno da chronica muitos dos mais exímios talentos da geração, e illustrando-os os mais consagrados gravadores da epoca.

Desde essa data até hoje, nasceram, vegetaram, viveram e morreram milhares de jornaes e revistas, cujos nomes e dos seus fundores e redatores, nos é inteiramente impossivel referir aqui. Basta que se saiba que n'elles trabalharam e escreveram os homens mais notaveis. Justo é, porém, citar ainda dos periodicos existentes e ainda não mencionados, O Seculo, A Voz, Diario de Lisboa, Voz do Operario, Primeiro de Janeiro, Jornal de Noticias, etc.

E em todas as regiões provinciaes do paiz existem um sem numero de jornaes e revistas deveras interessantes.

E finalmente, no nosso querido Algarve de tão gloriosas tradições, mais uma vez marcou o seu lugar inconfundivel, visto que, conforme descobertas de há uma duzia de annos—foi Faro a primeira terra portugueza que criou a Imprensa em Portugal, embora appareça a cidade de Leiria a querer tirar-lhe essa primazia. E como muitos têm sido os jornaes, que disseminados por toda a provincia têm existido e ainda vivem, aos quais carinhosamente saudamos, salientaremos «O Districto de Faro» gazeta fundada pelo nosso saudoso amigo Antonio Bernardo da Cruz, no qual colaboramos e que durante larguissimos annos foi o decano da imprensa algarvia, até ao aparecimento de «*O Algarve*» fundado por dr. Artur Aguedo e Ferreira da Silva, entrando depois para a redacção Luiz Mascarenhas falecido há muitos annos, aquele retirado, e o ultimo felizmente vivo, e que de há multissimo tempo é o seu proprietario, director e editor, nosso querido amigo, e que superior e brilhantemente o dirige, guindando-o á altura da folha mais popular, antiga e noticiosa da provincia, colaborada pelas mais distinctas e consideradas individualidades algarvias, com exclusão da nossa bem humilde e obscura.

Pena temos e grande, que no presente momento, retidos em Lisboa, não possamos ir ali, em pessoa, abraçar n'um vivo e entusiastico amplexo, o bom amigo Ferreira da Silva, seus illustres colaboradores, seus quadros redatorial e tipografico.

Fica porém isso para o proximo anno, em que «*O Algarve*» festeja as suas Bodas de Prata, e então lançamos já a semente para uma grande confraternisação em que todos nos reunamos, festejando com calor e entusiasmo tão solenne acontecimento.

Embora auzente, o coração, acompanhando sempre, saudando eternicidamente o decano dos jornaes algarvios, pelo 24.º aniversario da sua fundação.

Antonio J. Magalhães Barros

O ALGARVE

E O SEU Interessante Jornal

Para não sair do campo novelista onde actualmente me inclinei baseando-me em assuntos reais, vou hoje narrar aos benévolo leitores uma historia verídica, um objectivo curioso que só revela absoluta sinceridade, o início da minha simpatia pelo jornal *O Algarve*.

A aurora rompia linda neste retalho de céu azul claro, puro como a alma ingénua e o instinto sublime de Bêbé—aquela pobre criança que Onida (*Louise de la Ramée*) declara ter-se afeiçoado apaixonadamente pelo pintor Leonel—com uma graciosa cativante sobre o manto florido da Terra. E, enquanto os sinos suavíssimos anunciavam a missa de alva, os tristes malmequeres alvos e amarelos, os bonitos amores perfeitos, as dalias, as cenearias esmorecidas erguiam-se a custo pedindo a Deus uma gotazinha de agua que as acalmasse daquela sede terrível.

No vasto horizonte cheio de candura nascia agora no oriente o Sol, magestoso, rei das estrelas, de todos os astros, ameaçando destrui-las por meio dos seus raios ardentes; todavia, uma fresquíssima brisa nordeste corria a protegê-las. As andorinhas, meigas, singelas aves da natureza, inspirativas, voavam sempre... irrequietas, pousando, por segundos, ora na beira do telhado, atentas como que a espreitar a lida dos seus moradores, ora na haste da mais leve duma arvore, a balouçarem-se, a debicarem nas folhas mais tenras, ora lá longe... na margem de um rio, molhando o delicado biquinho, e, muitas vezes, já sem sede, ficavam-se a mirar, espantadas, confusas para a sua débil figurinha refletida na corrente que deslizava sem cessar, alongando-se a um tal ponto que a minha vista já não distinguia, e, finalmente senti a ilusão de que a agua se havia juntado ao céu para receber a benção divina de Deus, mas não era mais do que uma visão minha porque a corrente certamente caminhava para outros cursos de agua. Sentei-me na sombra de uma oliveira apesar de que o calor ainda não era muito. Levava comigo para recrear o espirito, um livro, bem bonito, por sinal. Só me faltava o penultimo capitulo para o finalizar, mas no entanto ardia em desejos por o ler. Queria saber se uma rapariga boa, religiosa, que sacrificara a sua mocidade, a sua vida para salvar os seus, depois de tantos sofrimentos, não encontraria alguma felicidade, já que assim ficava sem o amparo de familia, de casar ao menos com o eleito do seu coração. Por fim terminei, satisfeita pensando que a alma fértil de Silva Gaio, autor do livro que lera era justa e elevada. Para me entreter só me restava agora um jornal que levava juntamente com o livro. Era o *O Algarve*. Defensor acerrimo dos interesses da nossa provincia, muito bem colaborado como provam as suas magnificas cartas de Lisboa, com a sua pagina dedicada ao commercio e á agricultura sendo muito recomendáveis os seus conselhos sobre agronomia e veterinaria, está sempre pronto *O Algarve* a socorrer os pobres hospitalizados abrindo duma maneira afabilissima,—paginas especiaes onde tem colaborado alguns escritores algarvios e muitas vezes publicando paginas beneméritas sobre este subjectivo admiravel.

Ao seu director sr. Ferreira da Silva as min has felicitações pela intelligencia e habilidade com que tem orientado «O Algarve» e os meus elevados votos para que veja para o futuro numa larga e risonha existencia o seu conceituado jornal prestar os mais altos prestimos á nossa provincia.

Penso que todos nós, a principiar de creanças, devemos ter um protector que nos defenda e aconselhe, e esta bela provincia tem-o em *O Algarve*.

R. A.

Joaquim Rita da Palma
ADVOGADO

Mudou a sua residencia e o seu consultorio para o Bairro do C. legio (Rua de Justino Cumano)

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ATRAVEZ DA GRAMATICA

A proposito da errada interpretação de um verso dos Luziadas

Por artigos ultimamente publicados no *Correio do Sul* pelo meu velho amigo e consideiro agronomo, sr. dr. Pedro Judice, fiquei sabendo que o sr. dr. José Maria Rodrigues persiste na sua interpretação do setimo verso da estancia VI, canto primeiro dos Luziadas, interpretação a que, ha tempos, opuz o meu modo de ver em artigo publicado no *Seculo*.

Camões escreveu aquele verso em legitimo portuguez, sabendo bem o que dizia, dentro da maior correção gramatical de todas as gramaticas da nossa lingua, havidas e por haver, mas obedecendo apenas ás regras da metrica poetica que para o caso se impunham, como se vai ver examinando a estancia em verso e em prosa correntia

Em verso

E vós, ó bem nascida segurança
Da luzitana antiga liberdade
E não menos certissima esperança
Do aumento da pequena cristandade,
Vós, ó novo temor da maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus que todo o manda,
Para do mundo a Deus dar parte grande.

Em prosa correntia

«E vós, ó bem nascida segurança da antiga liberdade luzitana e não menos certissima esperança do aumento da pequena cristandade, vós, o novo temor da maura lança e maravilha fatal da nossa idade, dada ao mundo por Deus para que o governo todo e dele venha a ser dada a Deus parte grande».

Este é o sentido e parece-me logico e claro espresso em harmonia com a dupla aspiração de D. Sebastião, a quem a invocação, e não supplica a Deus, se refere a aspirações que consistia em dilatar o imperio portuguez e aumento da cristandade pelas armas.

Vejam-se isto se coaduna com a analyse gramatical do verso.

I—Que é ali conjunção causal, por **para que, porque**, como em portuguez se emprega, e não **pronomo relativo**.

II—Não só em obediência á metrica ha a supressão da proposição **para**, que devia anteceder o **que**, como ainda para evitar a dureza do verso, resultante de duas repetido **para** em certo intervalo.

III—O dissilabo **mando** está em vez de qualquer dos trissilabos **governo, conquiste** que o verso não admite. **Mando** está oração no seu tempo.

De resto não é esta a unica embrulhada feita com a interpretação dos textos do noso epico, que sempre escreveu portuguez lidimo e compreensivel. O jornal *A Voz* deve iniciar dentro de breves dias a publicação de uma série de artigos meus sobre o episodio da *Ilha dos amores*, em que me proponho, não só refutar a errada opinião do sr. dr. David Lopes, que filia a sua origem em lenda oriental, como ainda mostrar pela devida interpretação de o 6.º est. 21, c. IX, qual foi a ilha que Camões quiz focar com a sua ficção, qual a situação da mesma, occidental e não oriental, e qual a determinante do episodio imaginado, mostrando ainda que se chega ao mesmo resultado, quer se aceite a primeira redação da edição de 1372 **Da primeira co' o terreno solo**—quer a subsequente da tradição espanhola de 1530 ou da edição portugueza de 1597—**Da mai primeira com o terreno solo**—podendo aceitar-se terem sido ambas da autoria do proprio Camões.

Lisboa, 24-3-931.

Ludovico de Menezes.

Hora de verão

Vae ser publicado um decreto mandando adiantar os relógios 60 minutos na noite de 18 para 19 de abril, ficando assim a hora portugueza igual á espanhola e franceza.

R. A.

ADVOGADO
Arthur Aguedo

Escritorio
Rua Vasco da Gama, 34

«COSTA VERMELHA»

A Praia da Rocha

25 de Março de 1931.

Saivé gentil Primavera, a quadra mais linda do nosso calendario, onde os campos vicejam e os jardins se enchem de flores, animados pelos gorgeios alegres das avezinhas! Ela vem precisamente numa ocasião ingrata em que o Ceu despeja catadupas de agua por toda a parte! Mas não importa. Está iniciada a estação propicia dos amôres e inspiradora dos poetas. Que sejas bemvinda, enchendo nossos corações de seiva e alegria.

E não te esqueças que lá diz o ríffio: «Em abril agoas mil coadas por um mandil» porque senão... de linda que és passas a ser Patifa da Primavera!

Passou ultimamente o aniversario natalicio da senhora D. Ana Cristina Cayola Castelhão d'Almeida, estremosa esposa do nosso bom amigo, Comandante João Castelhão d'Almeida. Por tal facto, estiveram aqui na sua casa da Praia, e vindos de Lisboa e Beja, seus avós e cunhado, o distinto jornalista, Director se-cretario do Diario de Noticias, e nosso velho amigo Lourenço Cayola e esposa, e bem assim o distinto sportman sr. Guilherme Castelhão d'Almeida.

Os nossos melhores cumprimentos e fervorosos votos porque tão feliz data se repita por largos e dilatados anos.

Para se avaliar da extraordinaria importancia do imposto de pescado, proveniente do peixe vendido na loja, dos 23 cercos matriculados na Capitania do Porto de Portimão, basta dizer-se que a sua importancia ascendeu a quinze mil contos, durante o ultimo ano de 1930.

Como esclarecimento á nossa ultima noticia, sobre uma projectada excursão ao Algarve e Sevilha, aproveitando as sumptuosas festividades de Semana Santa, somos a declarar que não é verdade ela ser patrocinada pela Casa do Algarve. E felizmente que assim é, pois que a nossa linda região é vista á la minute. Depois a exposição de fotografias reclamativas e que vimos na montra duma grande mercearia da Rua da Palma, é tudo quanto ha de mais detestavel e antiquado, apenas com a exclusão duma colorida da Sala, da costa de Lagos.

De resto, pomos em duvida a execução de tal passeio.

Aproxima-se a epoca da abertura das variadas «estações termaes do nosso paiz e sobre as nossas privilegiadas e lindas Caldas de Monchique, nada ha por emquanto legislado, a não ser o mesmo e criminoso abandono de sempre! Ora isto não pode, nem deve continuar, e com o nosso mais veemente protesto, aguardamos que providencias promptas sejam dadas por quem de direito, pois que, se é certo que as iniciativas particulares já ali muito têm feito e trabalhado, já mesmo, não diremos das entidades officiaes, e sem essas todo o esforço é vão, por melhor orientado e patriótico que ele seja.

Voltaremos ao assumpto.

Para se saber da extraordinaria importancia que o nosso idioma já hoje tem, basta que se saiba que a lingua portugueza é falada em todo o mundo por sessenta milhões de pessoas! Se bem que a alma patriótica vibre do mais intenso e justificado jubilo podem os incredulos pô-lo de remissa. No entanto as mais recentes estatisticas o asseveram firmemente. E senão vejamos: A população de Portugal—parte continental—é de seis milhões de habitantes; a das ilhas adjacentes—Madeira e Açores, é de quinhentos mil; a India, gloriosa reliquia no Oriente, com a seiscentos mil; a população de Angola, a nossa mais vasta colonia, e maior do que varias nações europeias juntas é de trez milhões; Moçambique, mais pequena, mas ainda superior em tamanho á metropole

varias vezes, tem tres milhões e seiscentos mil; a nossa uberrima colonia de S. Tomé e Príncipe dá sessenta mil; Guiné, com os seus seis mil; o arquipelago de Cabo Verde, guarda avançada do nosso imperio africano, ostenta cento e cincoenta mil; a linda Macau, sentinela vigilante dos nossos interesses no Extremo Oriente, cento e sessenta mil; a longinqua Timor do tamanho do Alentejo, quinhentos mil; o Brazil, a nossa antiga, mais vasta e rica colonia, hoje uma das nações maiores do mundo, dá-nos o impressionante contingente de quarenta e cinco milhões; Portugueses que vivem na America do Norte, duzentos mil; na America do Sul, com excepção do Brazil, cento e cincoenta mil; na Espanha, oitenta mil; na França, cem mil; na Inglaterra e suas possessões, duzentos mil; e em muitas outras regiões, quinhentos mil.

Total 60.806.000 sessenta milhões e oitocentos e seis mil pessoas que espalhadas por todo o orbe terraqueo, falam a formosa lingua de Bernardes e Camões. E depois digam e propalem que Portugal é pequeno... No entanto que seria-nos nós, se ainda conservassemos os dominios que abandonámos e de que fomos expoliados, nós que outr'ora fomos da quem e d'alem mar, senhores da Etiopia, Arabia, Persia e tuti quanti!

No passado domingo assistimos em Lisboa á sessão solene da posse dos novos corpos gerentes da Casa do Algarve, excellentemente montada na Rua do Alecrim, 46. Constituida a mesa, sob a presidencia do sr. Coronel Correia dos Santos, secretariado pelo tenente sr. Mateus Moreno e dr. Sousa Carrusca, foi aberta a sessão com a leitura de todos os membros eleitos, cuja nota o nosso jornal já deu.

Feito o respectivo elogio da nova direcção nascente, e em especial do seu illustre e consagrado presidente, o sr. dr. Paula Nogueira, pelo sr. Coronel Correia dos Santos, seguiram-se outros oradores, como o dr. Sousa Carrusca, tenente Mateus Moreno, dr. Paula Nogueira e Jacinto da Cunha Parreira, que salientaram a grandiosa obra patriótica encetada elevada a cabo pela Direcção cessante, que por isso mesmo recebeu de todos os presentes a devida consagração pelo seu exaustivo trabalho. Da nova direcção e em especial do seu eminente presidente, muito ha a esperar das suas grandes e comprovadas facultades de trabalho, e o seu incomensuravel amor ao torrão natal, pelo que, endereçando-lhe os nossos melhores cumprimentos e saudações, felicitamos o Algarve por tão feliz escolha, que nos enche a todos do maior jubilo.

Ao som do nosso lindo Hymno, da autoria do falecido medico e comprovinciano dr. José de Padua, tocado por uma excellente Orquestra, sob a regencia do insigne maestro e professor Pavia de Magalhães, foi assignado o respectivo auto de posse, seguindo-se um animado baile que terminou pela noite.

Damos a seguir os nomes de trez novas comissões directivas ainda não conhecidas dos nossos leitores, e que são:

Assistencia: D. Cecilia e D. Maria Paula Nogueira, Doutora Maria João Lopes do Paço, D. Suzana Pacheco Marques, Coronel Antonio dos Santos Fonseca, dr. José Aboim de Ascensão Contreiras, Engenheiro José Joaquim Rosado Padinha, Agostinho Dionio de Jesus, João de Melo Falcão Trigo e dr. Marcelino Peres.

De Festas: D. Cecilia e D. Laura Paula Nogueira, D. Maria do Carmo Pacheco, Doutora Maria João Lopes do Paço, D. Suzana Pacheco Marques, Maestro Eduardo Pavia de Magalhães, Jacinto da Cunha Parreira, tenente José de Sousa Nunes e Antonio Judice de Magalhães Barros.

Estudos e Conferencias: General Teofilo da Trindade, Coronel Correia dos Santos, dr. José Guerreiro Murta, dr. José de Sousa Carrusca, dr. Manoel Francisco do Estanco Louro, Julião Quintinilha, tenentes José

MUNDANISMO

O AÇUDE

(Do quadro de Maria do Lourdes, na exposição das Belas-Artes).

O rio avança por entre resguardos de arvoredo copado e frondoso. As águas esverdeadas simbolizam a esperança que nos retém nos embates continuos da vida.

A vida assenella-se ao rio, no seu deslizar infatigavel, e onde os meus olhos mergulham numa contemplação de enternecimento e afago. As ramagens dos arbustos, inclinando-se até ele, parecem sugar-lhe as emanações frias, que lhes mitiga a ardência constante dos seus desejos em fogo.

Abraçada ao tronco de um delgado choupo, enleia-se uma roseira trepadora. Ela escalou-se até ás pernas, expandiu-se pelas arvores vizinhas e suspendeu-se em cachos rubros sobre o espelho liquido e movedizo. A agua, inconsciente, continua correndo, vagarosa, sem se deter um momento na beleza que vai reflectindo, que vai criando.

As águas de um rio são como os nossos pensamentos. São brandas na superficie e na profundidade. As suas revoltas são imperceptiveis, porque ninguém as vê, nem pulseira. Porém, mais abaixo, elas parecem estacar, recosas. Redemoinham, agitam-se, param e lançam-se, depois, no espaço livre. E o açude que lhes sustem a carreira. Elas libertam-se, impacientes, numa cascata de prata, que se desfaz numa pulverescência densa ou em grossas pérolas de luz. O rio do atroa vai eocar ao longe. E como se fosse uma ininterrupta onda de sons, onde há harmonia e encanto, mas que ensurdecem e esmagam. Lembra uma pagina de grande orquestração musical de Wagner, onde os acordes se succedem e empolgam, num estontamento exaustivo, para ficarem suspensos numa só nota, como um soluço, um gemido. E o gemido fica perdido no ar, que novamente o adensa, junta em torvelinhos frenéticos, até que se confundem com os caudais unisonos, barulhentos, das águas, caindo no açude.

E tudo isto a minha sensibilidade sentiu, naquela tarde entristecida, pardacenta, com os olhos fitos numa pequena tela, que mão gentil de mulher encheu de vida.

Lisboa, Março, 1931.

Tiago

Fazem anos

Em 30—D. Ráquel Sequerra, Jeronimo de Bivar, Henrique Cansado e Ventura Coelho de Vilhena.

Em 31—Emilio Schiappa Roby e Jorge Carlos Freire.

Em 1 de Abril—D. Margarida Albertina de Oliveira Serrão.

Em 3—D. Maria Carolina Mendonça Pereira de Carvalho.

Em 4—D. Rita Celorico Gil de Medeiros.

Em 5—Lopo Vaz de Sampaio e Melo, Sebastião Garcia Ramires.

Partidas e chegadas

Esteve em Faro, depois de se ter demorado alguns dias no barlavento da nossa provincia, acompanhado de sua esposa, o sr. João S. Liz, antigo administrador de varias roças em S. Tomé, Retiraram no rapido de quarta-feira para a sua residencia em Sintra.

Partiu para Lisboa, de onde seguiu para o Brazil, o sr. Domingos Rodrigues Marques Junior. Sua esposa, que o acompanhou até Lisboa, já regressou á esta cidade.

Encontra-se em Faro, vindo de Luan-da, o sr. Carlos Santos Silva, funcionário superior dos correios e telegraphos daquela nossa colonia.

O sr. coronel Cochado Martins e esposa tem estado na sua casa das Caldas de Monchique.

Seguiu para Sevilha, de visita a sua familia, o sr. D. Mariano de la Sota y Bidon, consul de Espanha nesta cidade.

Regressa amanhã á sua casa, na Praia da Rocha, vindo de Lisboa, o nosso presado amigo e colaborador sr. Antonio Judice de Magalhães Barros.

Encontram-se á férias nesta cidade

de Sousa Nunes e Mateus Moreno

No proximo mez de Maio são aguardados nesta Praia, o distinto operador cinematografico sr. Anibal Contreiras, que com um grupo de operadores inglezes, vem filmar um grande documentario de tudo quanto o nosso lindo e priveligiado Algarve possui, e ainda um film sonoro focando os nossos melhores assumptos como: pesca do atum, sardinha, trabalhos nas fabricas e campos, festas, bailados, etc.

Vieram a férias, de Lisboa, a sr.ª D. D. Celeste Catado e seu irmão Eduardo Caiado.

Regressou de Lisboa a sr.ª D. Ana de Bivar Cumano.

Acompanhado de sua esposa e seu irmão Henrique, seguiu para Madrid o sr. dr. Constantino Cumano.

Doentes

Tem estado doente com gripe, o sr. Francisco do Carmo Sousa.

Encontra-se melhor da grave doença que o tem rido em casa, o sr. Manoel Ignacio Nariago.

Tem estado doente o sr. Jeronimo Bivar.

Antonio J. Magalhães Barros

Reparos...

Ahi por 1885, se não estou em erro, o largo do Sé passou por uma importante transformação. Centenas de metros cubicos de ferra se transportaram dali para o largo de S. Francisco. Naquela, rebaixava-se o seu pavimento cerca de dois metros para ficar como hoje está; neste, levantava-se para evitar a invasão das aguas das marés que quasi chegavam até á cruz que ainda hoje ali existe.

No desaterro do largo da Sé coisas interessantes se encontraram,—sepulturas, alicerces de piscinas, um ou mais poços romanos e muitos objectos levados, talvez, para o Museu fundado por monsenhor Boto.

Uma coisa, porém, ali ficou, porque só passados anos, com o desgaste do pavimento, appareceu á superficie—um pote de barro, de que apenas se vê a borda.

Terá algum merecimento, valerá a pena a despeza de dois dias de um trabalhador para o pôr a descoberto e arrecadalo em lugar seguro?

V. T.

Cine-Teatro

Com a celebre estrela Lya de Putti, secundada pelos notaveis actores Warner Oland e Don Alvarado, veremos hoje no Cine a emocionante super-produção em 7 partes *A Dama Vermelha*, filme de intensa fibração sentimental que tem alcançado um enorme successo.

Completa o espectáculo a empolgante comedia d'aventuras em 6 partes *Os Vaqueiros de Hoje*, com a formosa e intrépida Priscilla Dean, William Austin e George Hall, um filme de emoção e valentia que entusiasma os espectadores.

Abre o espectáculo um documentario.

Serão de arte

Deve realizar-se breve mente em Faro um espectáculo de caridade, que pela sua magnifica organização deve ficar memoravel. Não estamos autorizados, por óra, a desvendar o programma, mas, não é inconfiável levantar uma pontinha do véu, para dizermos aos nossos leitores que os numeros dos corostêm sido ensaiados sob a habil regencia do consagrado maestro Rebello Neves. Nesse espectáculo de beneficencia tomam parte, obsequiosamente varias senhoras da elite farense, E, por hoje, nada mais, além da certeza que vai ser um serão de arte e encanto.

os srs. Luiz e Manuel de Bivar Wienholtz, Henrique Borges, José Rebelo Neves e Antonio Leitão Correia

Regressou a Faro a sr.ª D. Henriqueta Cortes Ferreira de Sousa.

Foi passar as férias á sua terra natal o juiz de direito desta comarca, sr. dr. A. Maltz.

Está em Faro o sr. dr. Pamplona Corte Real, juiz da comarca de Moura.

Foi promovido a capitão o sr. Paulino das Dores, tenente de Caçadores 4.

Esteve em Lisboa o sr. José Gonçalves Bandeira.

Seguiram para Castelo Branco o sr. dr. Antonio Afonso, para Lisboa o sr. dr. Telez Caroco, para Espinho o sr. dr. João de Noronha e Ramos e para a Beira o sr. dr. Frederico Couto, todos professores do nosso Liceu.

Vieram a férias, de Lisboa, a sr.ª D. D. Celeste Catado e seu irmão Eduardo Caiado.

Regressou de Lisboa a sr.ª D. Ana de Bivar Cumano.

Acompanhado de sua esposa e seu irmão Henrique, seguiu para Madrid o sr. dr. Constantino Cumano.

Doentes

Tem estado doente com gripe, o sr. Francisco do Carmo Sousa.

Encontra-se melhor da grave doença que o tem rido em casa, o sr. Manoel Ignacio Nariago.

Tem estado doente o sr. Jeronimo Bivar.

F. V. M. Corte Real

Medico cirurgião
Clinica geral e dentaria
Consultorio: P. D. Francisco Gomes, 1
Residencia: Rua de Portugal

PAGINA QUINZENA DE "O ALGARVE"

Finanças, Comercio, Industria e Agricultura

29-3-931

Dirigida por FERNANDO PACHECO

N. 21

Cronica da Quinzena

Os sindicatos e a agricultura

Os sindicatos são organismos agrícolas existentes no nosso país, desde ha muito, e que foram organizados para defender os interesses economicos da população rural.

E' certo que, aparte algumas excepções, estas associações não podem cumprir inteiramente o seu objectivo. E não podem levar a efeito o seu desiderato, na aceção do termo, por falta de espirito associativo e ainda por a maioria destas associações não possuirem os capitais indispensaveis á sua organização de defesa. Os magros cobres das quotas jamais poderão constituir um capital necessario á obtenção de adubos, sementes, maquinaria agricola, etc., visto que essas receitas mal podem cobrir as despesas de expediente.

E' tambem verdade que, junto dos Sindicatos, funcionam as caixas agricolas na generalidade providas de dinheiros fornecidos pelo Estado.

Ora, isto não é o bastante. Afigura-se-nos necessario que os Sindicatos Agricolas tenham fundos proprios e para isso bastava que os actuaes associados subscrivessem um capital representado por acções nominativas, a que o proprio organismo emprestaria a sua garantia e defesa do seu preço ou seja o custo de cada acção.

Esse papel seria exclusiva pertença das classes rurais, só podendo ser cedido entre os lavradores associados ou agricultores inscritos como tal.

A administração desses capitales seria confiada a uma direcção, eleita por livre vontade dos socios, que lhe daria a applicação conveniente, como seja na aquisição dos varios adubos indispensaveis ás culturas, na compra de sementes, na compra de maquinas para os trabalhos agricolas, na instalação de lagares mecanicos, na aquisição de maquinas de partir amendoas e de escolha e calibragem do miolo, etc.

Esta forma pertenceria á colectividade, ou seja aos socios do Sindicato, a maquinaria julgada necessaria para a sua defesa economica.

Como se encontram organizados os Sindicatos, só muito difficilmente podem cumprir uma parte das atribuições que lhes competem ou deviam competir, apesar da muito boa vontade, zelo e cuidados sem par que as suas Direcções põem no desempenho do difficil mandato que lhes confiamos.

Se isto fosse possível—não ha impossiveis, ha só falta de vontade—haveria mais comunhão de idéas e de interesses e as classes rurais do nosso país haviam de reconhecer o BEM que isso lhes proporcionaria. A remodelação dos sindicatos, tal como a preconizámos, representava, nada mais e nada menos, do que a existencia da cooperação.

A nossa agricultura assenta em principios muito retrogrados, mormente na parte sul do país. Estudem os interessados este aspecto do problema e baselem-se para o efeito no principio de que a união faz a força.

F. P.

O ministerio da Agricultura em Inglaterra indicou aos creadores de aves que os ossos provenientes de animaes atingidos pela febre aftosa são perigosos.

Em Novembro ultimo, nos mercados de Paris, venderam-se a rez mortas aos seguintes preços, quilo:

- Galinhas... 14 a 16 francos
- Frangos... 15 a 21
- Pombos... 4 a 11
- Patos... 11 a 13

Para a fabricação do afamado heór Coração a Holanda importou em 1929 sessenta e oito milhões de quilos de laújas.

A AVICULTURA

Como industria, a Avicultura nacional não existe ainda; tenta agora os primeiros passos. No entanto, a nossa balança economica acusa uma exportação de ovos, pretendendo talvez dar a impressão de que Portugal é um país avícola.

Nada mais errado. Verdade seja que todos os nacionais são mais ou menos creadores de aves, visto ser vulgar encontrar-se pelos campos e pelas estradas e mesmo nalgumas ruas das nossas aldeias, pequenos bandos de galinhas chefiadas por um galo de aspecto forte e altivo. E' tambem facil encontrar nas grandes cidades, quer em pequenos quintais, quer nas proprias varandas e ainda muitas vezes nas carvoeiras das chaminés, duas ou tres galinhas que fazem o enlevo da casa e cujos ovos são de ouro. Enfim, no nosso país ha o gosto pela criação das galinhas, mas em tais condições e de tal forma que seria um erro de palmatoria confessarmos que entre nós se pratica a Avicultura.

A pequena exportação de ovos, geralmente para a Espanha, e o contrabando de aves para o reino visinho, não é o bastante para acreditar, sequer, o nosso país, como pequeno criador de aves. E, se alguém pudesse ter essa pretensão, bastaria para a desfazer que a centésima parte da nossa população resolvesse comer um 118 de galinha para os nossos rebanhos desaparecerem quasi por completo.

O português só come a carne de galináceo em dias festivos ou quando toma um purgante. A carne de galinha é o melhor alimento que o homem pode ingerir e no entanto o nosso consumo pende unicamente para as carnes verdes.

Quer-nos parecer que o nosso problema avícola tem sido absolutamente desamparado pelos poderes publicos e que os nacionais, outrora tão dados á realisação de iniciativas, não pensaram um só momento no que pode proporcionar a Avicultura, quando bem compreendida e melhor executada. E no nosso País ha tudo quanto se require para pôr em pratica tal problema. Temos um clima privilegiado; temos terras proprias e sobretudo um carinho nato pela criação de aves. Os países avicultores não reúnem todos os attributos que se reconhecem existir em Portugal. Além desses attributos, que aqui ficam apontados, Portugal ainda se avanteja em relação a alguns desses países produtores: é a proximidade dum mercado importante, como a Espanha, que importa muitos milhões de perdas em ovos de todas as procedencias, inclusive do Egipto, da Turquia e da propria China!

Que mais poderíamos desejar? A Belgica, pequeno país da Europa, exportou em 1929 a bagatela de 659 milhões de ovos, representando muitos milhões de francos!

E Portugal? Uma pequena importancia, em que não ha confronto possível.

Ora, se temos tão proximo um facil mercado de colocação onde os ovos da nossa produção podem chegar classificados como frescos (com menos de 8 dias de postura) batendo sem difficuldades toda a concorrência e conseguindo um preço remunerador, que receio ou temor afasta os nossos homens de iniciativa de se abalancarem á industrialisação das aves?

E' possível que o velho rifão, animal de bico não faz o dono rico, os afaste da causa avícola. Se assim é, trata-se dum novo erro. A industrialisação das aves é remuneradora, como qualquer commercio, a que nos dediquemos. Requiere, como tudo, conhecimento, estudo e pratica. Necessita, como qualquer outro ramo, de actividade, de tecnica e perseverança. Todo aquele, que não reunir estes attributos, não pode vencer na Avicultura, como não pode prosperar em qualquer negocio a que se dedique.

Verdade seja que o movimento avícola do novo e velho

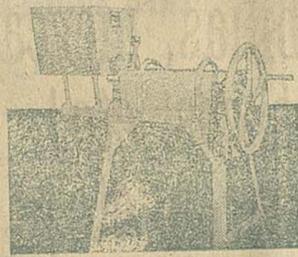
Aspectos Economicos

(A CRISE E SUAS SOLUÇÕES)

Sem duvida que um dos problemas mais vitais para o Algarve é o dos frutos secos. A crise mundial e a rotina muito têm contribuido para a baixa de cotações que vêm sofrendo, de ano para ano, nos mercados consumidores, afectando portanto a classe rural, que assim vê cerceados os seus rendimentos.

A crise tem afectado os productos algarvios—figos, amendoas e alfarrobas—devido á retração de consumo que se verifica um pouco por toda a parte, é certo, mas tambem é verdade que a desvalorisação, que vem sendo verificada desde ha anos, tem tambem a sua origem no facto de os mercados consumidores darem a sua preferéncia a productos similares de melhor apresentação com que a concorrência se esmera.

A nossa população rural queixa-se de tudo e de todos, atirando com as culpas para quem em verdade é o menor culpado, esquecendo-se de verificar a origem do mal que lhe vem causando a ruína. A cegueira



Pequena maquina de partir amendoas e de funcionamento manual

é muita, é tanta mesmo, que lhes não deixa ver o caminho a seguir.

Estamos, creiam, em frente dum problema que, para ser resolvido, só carece dum pouco de boa vontade e de decisão.

E' certissimo que os figos de Smyrna não têm o sabôr dos nossos genuinos figos algarvios, mas não é menos verdade que a sua apresentação, o seu acondicionamento e a sua escolha se impõem de tal maneira que os nossos figos ficam numa colocação tão subalterna que não ha possibilidade de confronto.

O nosso miolo de amendoas é tudo quanto ha de mais primitivo, quer em qualidade, quer em escolha, quer ainda em preparação e acondicionamento. O nosso agricultor possui nas suas terras as mais diversas castas e qualidades de amendoeiras. Os proprios amendoais têm ainda intercaladas, com doces, amen-

do mundo não tem passado despercebido a alguns estudiosos e por isso encontramos já no nosso país pequenas instalações, que podem vir ainda a ser grandes empreendimentos se não lhes faltar força de vontade e os conhecimentos indispensaveis para tal. Mas este metier carece de maior desenvolvimento, de mais amplitude e para isso é preciso que continuem a surgir novos avicolos e que as publicações da especialidade, lhes proporcionem sempre um certo amparo moral e que o Estado conceda o que for justo e necessario para se conseguir este desiderato.

F. P.

doeiras amargas. Existem ainda (custa a dizê-lo, mas é verdade) lavradores que se sentem satisfeitos por enganarem os exportadores, vendendo-lhes, como doces, amendoas em que há uma regular dose de amargas.

Quanto ás alfarrobas, é bom não falar em tal... Mas, já que estamos falando a linguagem da verdade, a unica que nos agrada, afirmamos que ainda, nesta provincia de encanto, ha quem não tenha reboço em vender ao exportador aquele producto completamente encharcado e coberto de terra.

Não imaginem os nossos agricultores, detentores da privilegiada terra algarvia, que esses processos possam honrar alguém ou sequer a colectividade. Pelo contrario: essas misérias, só proprias de espiritos rotineiros e acanhados, só causam mal, só originam a ruína que todos vão cavando pelas proprias mãos. Bem sabemos que há honrosas excepções, mas, infelizmente, em tão pequeno numero, que não podem levar de vencida a legião dos amigos da rotina!

O'ra, para que os nossos fructos se valorisem, é necessario que todos apparendam que esses processos devem findar e que sem novas bases de trabalho não há prosperidade possível. Estamos em presença dum época feita de realidades, dum momento em que todos os cuidados são poucos.

E' preciso seleccionar e cuidar do arvoredo. E' indispensavel exportar mercadoria sã, seleccionada por castas e tamanhos, de embalagem mais apropriada. E' necessario conhecer os mercados consumidores e apresentar mercadoria em condições apresentaveis batendo assim a concorrência. E' ainda necessario fazer uma propaganda intelligente e cuidada.

Para isso necessita-se da cooperação rural, organizando pequenas cooperativas de produção e seleção.

Uma vez estas organizações, é indispensavel seguir uma direcção, unica a indicar pelos technicos. As cooperativas serão dotadas de maquinas partideiras de amendoas (a concorrência ha muito que não parte as amendoas com pedras ou martelos, por desvalorisar a mercadoria) tornando assim este producto de melhor apresentação e consequente valorisação; ainda de armazens proprios para escolha dos figos entregues pelos associados que, após este trabalho, os enviarão ás câmaras de expurgo e desinfeção. A alfarroba deixará de ficar sujeita á intemperie, devendo por isso ser armazenada em sitio conveniente e debaixo de telha.

As pequenas cooperativas estarão associadas ás grandes cooperativas de venda ou colocação, que deverá ser o organismo directivo,

Como a Tunisia trata da sua agricultura

Não é com multas e sanções que se consegue cultivar mais um hectare de terreno, mas sim demonstrando como se faz e o que pôde dar mais resultado. A agricultura é uma industria, e como tal procura tirar da terra um beneficio. Desde que o agricultor não espere tirar lucro, a agricultura define e não é a força de decretos que se lhe pôde ter má.

A Tunisia, sabendo que havia na California um sabio especializado na cultura de fructeiras, arvores e arbustos e parecendo-lhe que podiam tomar extensão e valor de exportação diversas variedades ali conhecidas ou aclimatadas, o Governo do Protectorado encarregou o sr. Hodgson de uma missão de estudos para esse fim. Está nas intenções dos meios dirigentes da colonia e dos serviços officiaes de agricultura procurar culturas complementares susceptiveis de se aclimatarem facilmente e de se desenvolverem no clima Norte Africano. Podendo estas culturas tomar uma extensão muito maior do que tem tido até hoje, foi o sr. Hodgson, professor de arboricultura na Universidade de Berkeley, contratado por dez mezes para estudar as especies susceptiveis de serem propagadas com successo, os factores da produção e as condições do comercio destes artigos e exportação das diversas variedades de fructos.

Espera-se que este novo e interessante estorço, em vista de variar e aumentar a produção fruteira, produzirá resultados uteis que contribuirão para a prosperidade da Tunisia.

Já a enorme plantação de oliveiras, que se tem feito na Tunisia, tem obedecido ao mesmo criterio de auxilio á lavoura. Cada arvore plantada de novo recebe bem pouco, meio franco; mas o agricultor, sentindo-se ajudado e aliviado de impostos durante muitos anos, lançou-se na plantação de oliveiras, que ali dão copiosamente, e hoje são muitos milhões de arvores que já estão em produção e uma riqueza criada sem custo.

Avicultura Cientifica e Industrial

E' um livro da autoria do distinto publicista e engenheiro agronomo, sr. J. E. Carvalho d'Almeida, dedicado inteiramente á causa avícola, cujo apparecimento preenche uma lacuna importante.

E' um livro digno de interesse e de estudo porquanto a Avicultura no nosso país necessita de se desenvolver e transformar-se numa verdadeira industria.

Os capitulos deste belo volume, que é profusamente illustrado, versarão este problema sob os aspectos que mais interessa conhecer.

Está para breve o seu apparecimento e, como dissemos, por especial deferencia do seu autor, todos os nossos leitores podem adquirir este livro, por intermedio do nosso jornal, ao preço de Esc. 20\$00. A venda ao publico é de Esc. 25\$00. Os nossos leitores, como se reconhece, podem adquiri-lo com a apreciavel diferenca de preço de Esc. 5\$00, além de que ficará com uma obra digna de apreço e com um repertorio completo (o mais completo que se editou em Portugal) de facil consulta e de poderoso auxilio para o desenvolvimento industrial da avicultura.

encarregado de estudar os gostos e preferencias dos mercados consumidores, seguindo atentamente tudo quanto fizer a concorrência.

Os detalhes não importam agora. O que é preciso é convencer-se a lavoura algarvia que, emquanto andar dispersa e não entrar no caminho da cooperação (o que é velho lá fora, nos países concorrentes) é concorrer para a propria ruína.

Acabemos de vez com a falta de coesão e gère-se a força tão necessaria aos grandes empreendimentos e então se verificará quais os resultados que se podem obter.

Agricultores algarvios! Refleti um momento no que vos dizemos e sereis cooperadores dum grande obra de regeneração algarvia!

J. C.

O Mormo

E' uma doença infecto-contagiosa determinada por um microbio especial denominado bacillus mallei, atacando quasi exclusivamente os solipedes. E' transmissivel ao homem, pou-pando os ruminantes, porco, gato e cão. Este ultimo animal pode ser infectado experimentalmente.

Desde remotas épocas que esta doença é conhecida, tendo feito devastações colossais por toda a parte até á descoberta da antiseptia, valendo-lhe este facto a designação de peste do cavallo. Em Portugal tem apparecido diversas epizootias de mormo, sendo dignas de menção uma em Traz-os-Montes e outra no Ribatejo. A França chegou a estar limpa desta doença antes da guerra; durante esta as medidas profilacticas foram descuradas e appareceu novamente o mormo. O ultimo Bulletin Sanitaire francez não regista qualquer caso desta doença, o que indica que a profilaxia adoptada em França foi eficiente.

O mormo, quanto á sua evolução, pode ser agudo e crónico. O periodo de incubação é variavel podendo ir de dois dias a duas semanas.

O bacilo causal é muito pouco resistente aos agentes de destruição, não é um microbio telurico.

De todos os animais o mais sensivel é o jumento, seguindo-se-lhe a cabaia. A transmissão do mormo effectua-se pela via digestiva ou por efracção cutanea. O contagio dá-se nas mangedouras pelas forragens conspurcadas de pós de animaes mormosos ou nos bebedouros. O animal para beber introduz a ponta do focinho na agua que assim lhe atinge as fossas nasais.

Ora o bacilo do mormo tem electividade para a mucosa nasal onde penetra, e seguidamente vai dar ás diversas localisações conhecidas. A cohabitación é um elemento de disseminação muito importante. A inoculação pode tambem ter logar pelos arreios e objectos de penso infectados contactando com feridas dos animaes.

A lesão característica do mormo é o pseudo-tuberculo, assim chamado por ser uma granulacção parecida com a da tuberculose. Esse granuloso é uma formação quística isolando os bacilos. Como na tuberculose, pode apparecer a célula gigante, o que é excepcional. O tuberculo apparece com grande frequencia no pulmão, mas á superficie roçando a pleura, o que se reconhece pela palpação da viscera.

O mormo agudo caracterisa-se por febre intensa, perturbações do pulso, prostração; na mucosa nasal encontram-se excoriações talhadas a pique, de fundo lardaceo, havendo corrimento purulento abundante, açafreado e estriado de sangue. O emagrecimento é rapido pois a doença é desnutriente. A morte é a terminação passado mais ou menos tempo, de oito dias a um mês.

O mormo crónico pode apresentar as seguintes modalidades: mormo nasal, mormo cutaneo, mormo laringo-traqueal, mormo artrítico.

O mormo cutaneo, ou melhor mormo ganglionar superficial, mais conhecido por laparão, pode evoluir isolado ou conjuntamente como o mormo pulmonar. Esta modalidade é caracterizada pelo apparecimento, em diversas partes do corpo, de nodulos isolados ou confluentes, ao principio quentes, edematosos e hiperestesiados, mais tarde ulceram-se deixando escorrer um liquido viscoso e amarelado, estriado de sangue, a que os antigos hippocratas davam o nome de oleo de laparão. Estas ulceras não tem tendencia alguma para a cicatrização. As localizações mais frequentes desta forma encontram-se nas taboas do pescoço.

O mormo cutaneo é menos virulento que o nasal. Antigamente julgava-se que o laparão não tinha afinidades com o mormo.

(Continua no proximo numero)

A. França e Silva

Sociedade Portuguesa de Seguros

FUNDADA EM 1900

SEDE EM LISBOA

na sua propriedade, Rua da Madalena, 36

CÁPITAL ESC. 2.000.000\$00

Fundos de Reserva e Garantia—Esc., 2.411.465\$15 (em 1929)

Se tendes seguros a efectuar nos ramos:

TERRESTRES (predios, mobílias, mercadorias, etc.)

MARITIMOS (mercadorias, cascos, etc.)

AGRICOLAS (maquinarias, searas, etc.)

QUEBRA DE VIDROS (cristaes, vitrines e espelhos)

VIDA (todas as modalidades)

LUCROS CESSANTES (sôbre mercadorias, rendas e propriedades)

Preferiré sempre esta Companhia nacional, por pertencer ao reduzido numero das que oferecem toda a garantia aos srs. segurados.

Agencia geral (distritos de Faro e Beja)

CASA BANCARIA

Anibal Martins Caiado

FARO

Sub-Agentes nas principais localidades dos distritos de Faro e Beja

TIPOGRAFIA
— DO —
ALGARVE

Esta casa, que não teme a concorrência das suas concorrentes, garante aos Ex.^{mos} clientes a máxima perfeição e rapidez em todos os trabalhos tipográficos, taes como: jornaes, livros, memornaduns, papel timbrado e envelopes, etc. etc.

Impressões a cores

Tambem se aceitam encomendas fornecendo o freguez o papel

Atendem-se quaesquer pedidos que, de toda a parte da provincia os ex.^{mos} clientes necessitem, os quaes serão satisfeitos com a maxlma rapidez.

Quem tiver emor se dinheira e tenha gosto, deve procurar quem melhor e mais barato o sirva

Quereis dinheiro

Jogae no Gama

Rua do Amparo, 51—LISBOA

Preços concorrentes

Pelo correio mais \$80 para registo.

Atende todos os pedidos da provincia.

Sempre sortes grandes

Livraria A. S. Capela

Agencia de jornaes e outras publicações

R. D. Francisco Gomes 40—Telefone 13

Esta livraria recebeu da casa SASSETI um lindo piano vertical alemão Herrnam, para 7.500\$00.

Recomenda-se uma visita a esta casa, para poderem ser apreciadas as lindas musicas recebidas diariamente.

Pedir o catalogo que é remetido gratuito.

Com pouco Capital

Trespasa-se uma pequena industria de facil aprendizagem e execução.

Dirigirem-se a J. S. Pinto, das 11 ás 17 na Rua Conselheiro Bivar n.º 81, 1.º Esquerdo—Telefone n.º 184—FARO.



KEATING

O REI DOS INSECTICIDAS
TUDO MORRE!!!

FORMIGAS
BARATAS
PERCEVEJOS
PULGAS
TRAÇAS
E TODOS OS OUTROS
INSECTOS

Comarca de Faro

Interdição

Nos termos do art. 1.º da lei 1705 de 20 de Dezembro de 1924, se anuncia que por este juizo e cartorio do 3.º officio foi distribuida uma acção de inte dição por progridalidade em que são Requerentes: D. Maria da Conceição Brito Mendonça casada com o dr. Antonio Francisco de Paula Mendonça, e D. Bernarda Rosa de Brito Lopes e seu marido Antonio Afonso Lopes, proprietarios, residentes na aldeia de Estoy, desta comarca, e interditando, Epaminondas de Brito Simões Carrajola, viuvo, proprietario, residente em Estoy.

O Escrivão do 3.º officio Bernardo José Ferreira Verifiquei: O Juiz de Direito

A. Maltez

MOSAICOS

Optimo acabamento

Grande resistencia ao desgaste

Emprego dos melhores materiais

Fabrico especial da

Empreza Fabril do Algarve, L.ª

FARO

OFICINA DE CANTEIRO E ESCULTURA

— DE —

ANTONIO TOMAZ RAMOS

Sucessor de José Maria Paulino Fernandes

Rua Miguel Bombarda, 7 a 15

FARO

Encarrega-se de todos os trabalhos pertencentes á sua arte

Construção de jazigos e de todos os trabalhos para construção de predios

FORNECIMENTO DE MARMORES PARA MOVEIS

Execução rapida perfeita e economica

João Pires & Filhos Ltd.ª

— FARO —

Vinhos, aguardentes, vinagres e azeites.

DEPOSITOS EM:

FARO, TAVIRA, OLHÃO, LOULÉ e S. BRAZ DE ALPORTEL

SALUQUIA

O melhor e mais puro azeite de oliveira

FABRICO DOS PRODUTORES:

Vaz Piçarra & C.ª, ltd.

MOURA

Latas de 1 e 5 litros, frascos de 1 litro

Depositario em Faro:

José Pedro da Silva

Praça D. Francisco Gomes, 13 e 14

Predio Vende-se

12.000\$00

Um na rua Manuel Belmarço 39 com rlc. 6 divisões, póço, retrete, 1.º andar, 7 divisões, pequeno quintal, póço com bomba, pilheta, retrete, varanda com uma casa, luz e água canalizada.

Trata Eduardo Martins Seromenho & Rosa, Rua Vasco da Gama 52-56—FARO.

E' o preço do pesado faqueiro em prata com 137 peças, estilo Manuelino, que tem por estojó um primoroso movel em pau santo com torcidos e tremidos, copia fiel do cantador antigo.

N. B.—As laminas das facas que compõem este magnifico faqueiro são inoxidaveis. Serviços em prata para chá com respectivo taboleiro ou salva, desde 1.300\$00.

JOSÉ VIEGAS MANSINHO

TAVIRA

O Algarve vende-se em Lisboa na tabacaria Mónaco

Costa, Limitada

Tem á venda numeros de grande palpite para a proxlma lotaria de

400.000\$00

assim como para todas as extrações anunciadas pela Mizericordia, satisfazendo com prontidão todos os pedidos que receba acompanhados da respectiva importancia

SANTO ANTONIO

1.º Premio 3.000.000\$00

DIRIGIR A

COSTA, LIMITADA

SEDE—75, R. de S. Paulo, 77—FILIAL—60, R. da Prata, 62

Telefone 2 2475

LISBOA

Casas a prestações!!!

novas e sem inquilino

VENDEM-SE

2 moradas em Faro, pagando apenas 35% no acto da compra e o restante em prestações mensais.

Informa A. Santos, Rua Serpa Pinto 110—FARO.

Arroz Nacional

DA MELHOR REGIÃO DO PAIS E AOS MAIS REDUZIDOS PREÇOS DO MERCADO

VENDEM

Guerreiro, Cabrita & Guerreiro Ltd.

MESSINES

Amendoeiras

Compram-se de cavalo amargo Indicar quantidade e preço. na Rua do Ferregial 227c.—FARO.

Grilo & Antunes

Fabricante de lanifielos

COVILHÃ

Especialidade em artigos finos para homem

Vendas exclusivas aos retalhistas

ENVIAM-SE AMOSTRAS

ANIBAL MARTINS CAIADO

Casa Bancária

76—Rua Conselheiro Bivar—78

FARO

Depositos á ordem e a praso

Creditos em conta corrente

Descontos, letras á cobrança e transferencias

FILIAL EM LOULÉ

Correspondentes nas principaes praças do país

Telegramas Caiados

Telefone 160

Serviço de automovel que conduz o Seculo para Olhão

O automovel, em que são transportados os exemplares do «Seculo» de Faro a Olhão, aos domingos, terças, quintas e sábados, á chegada do comboio n.º 2409 que vem de Lisboa pelo Alentejo e Vale do Sado e chega a Faro ás 22.11, pode aproveitar os passageiros que se dirijam a Olhão, pelo preço de 5\$00, ou alem desta localidade.

Para informações dirigir á Livraria Capela, de Faro, donde se faz a partida ou á sua sucursal em Olhão.

Explicações

Dão-se, de sciencias até ao 3.º ano dos licencs. Dirigir-se á Redacção deste jornal.

T. S. F.

Receptor Telefunken 1931 modelo 40 B, vende-se em condições.

Nesta redacção se trata.

Casco de Barco

A gasolina, vende-se um com 7^m de comprimento, popa redonda com bancadas, proprio para passageiros. Lotação 20 a 25 pessoas.

Quem pretender dirija-se a Augusto Aguilera Gutierrez Avenida da Republica, 73—Vila Real de Santo Antonio.

Atenção

Quer V. Ex.ª adquirir dezenas de lindos chapéus gratis para a sua Ex.^{ma} Familia.

Por 150\$00 escudos, isto é, três mezes de lições de 2 horas cada a 50\$00 escudos por mez, pode V. Ex.ª efectuar dezenas de interessantes modelos absolutamente gratis que poderá até vender por bom preço conforme a habilidade da artista, ficando apta a trabalhar em diversos feitos de chapéus, incluindo umas noções especiaes para facilitar a transformação de feltros.

Fazem-se e transformam-se chapéus por preços quasi de graça.

Resposta ao jornal «O Algarve».

Vende-se

1 moinho de pedras para café, 1 motor e as respectivas transmissões; balanças, toldas e portas usadas.

Para ver e tratar: Leitaria Aliança—FARO

Companhia Industrial do Algarve

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

F A R O

End. Telg. MOÁGEM

Telefone n.º 9

Fabrica de Moagem de Cereais

Sistema Austro-Hungaro

Fabrica de Massas Alimenticias

Sistema Napolitano

PADARIA MECANICA

PÃO "ALGARVE"

Os nossos produtos não receiam confronto
com os seus similares

As nossas instalações são as mais modernas
e os nossos preços os melhores

Ha 44 anos

"O DISTRICTO DE FARO"
De 31 de Março de 1887

Pelo ministerio da marinha foi requisitado o sr. segundo tenente Eduardo Alexandrino Salter de Sousa, immediato da canhoneira da fiscalisação aduaneira, *Tavira*, tendo sido substituido nesse cargo pelo sr. segundo tenente Marinha Cabral.

O sr. Salter de Sousa já partiu para Lisboa, de onde seguirá dentro de poucos dias para a Africa Ocidental, afim de incorporar-se nas nossas forças navais ali estacionadas.

A ex.^{ma} esposa do sr. Salter de Sousa acompanhou-o até á capital devendo regressar brevemente a Faro.

Vindo de Udine (Italia) regressou ha poucos dias a Faro o nosso amigo sr. Zacharias José Guerreiro, muito esclarecido empregado da Companhia Fabril Singer.

A ex.^a sr.^a D. Maria Ignacia Gonçalves, sogra da malograda irmã do sr. Guerreiro e opulenta proprietaria, residente em Monchique, acaba de doar ao nosso amigo varios predios rusticos e urbanos, situados em Tavira e Alemtejo, no valor total de vinte e quatro contos de reis.

Alfarrobas

Pela Associação Comercial e Industrial de Faro, foi entregue ao sr. Governador Civil, uma representação, pedindo que interceda junto do nosso governo, no sentido de conseguir do governo espanhol a diminuição dos direitos que honeram gravemente a entrada das alfarrobas poruguezas no mercado de Barcelona.

Imprensa

O *Filme* é um periodico que iniciou a publicação ha pouco na capital. Embora trate de assuntos que interessam, duma maneira geral, á cinematografia e aos cineastas, nem por isso deixará de versar tudo quanto respeite ás «anotações graficas as actividades nacionaes». Bem apresentado e bem redigido está destinado por certo, a ter longa vida, o que vida, o que sinceramente desejamos, nôvel colegr, onde labutam experimentadas e vigorosas penas, enviamos as nossas saudações.

Farmacias

Está de serviço na proxima semana a farmacia Paula.

HENRIQUE BORGES

Dentes artificias, Dentes fixos em ouro e Dentaduras sem placa
Tabela de preços reduzidos de polliclinica

EXTRACÇÃO DE DENTES COM ANESTHESIA LOCAL: 10\$00
R. Ivems, 18-1. — FARO

Artigos para instalações electricas

Acaba de chegar á Casa Marreiros vindo directamente da Alemanha e da Tcheco-Slovatica um completo sortido de candieiros para sal, secretaria e meza de cabeceira. Recebemos tambem material para instalações interiores o que é de melhor e por preços que não receiam a concorrência visto não nos servirmos de intermediarios para efectuar estas compras continuamos a fazer instalações electricas pelos mais baixos preços e completa garantia pela sua execução pois temos pessoal bastante qabilitado como aliáz é do conhecimento da nossa antiga clientela. Deveis sempre consultar esta casa pois só assim podereis economisar nas vossas compras,

Casa Marreiros

Praça D. Francisco Gomes n.º 1 Rua Conselheiro Bivar n.º 1—FARO.

Bom emprego de capital VENDE-SE

1 mobilia de casa de jantar *cozy-comer*, 1 mobilia de escritorio de torcidos com cadeiras de couro, 1 mobilia de sala Luiz XV.

Estas mobilias são completas, de 1.^a qualidade.

Vende-se tambem um serviço de jantar para 12 pessoas, completo.

informa Josué Pereira da 1 ás 2 horas da tarde na Rua João de Deus n.º 4—FARO.

MOTOR

Compra-se usado, em bom estado e pronto a funcionar, motor a gaz pobre de 40 a 45 HP. Resposta a esta redacção, ás iniciais C.C.

Comarca de Faro

No dia 19 do proximo mês de Abril, ás 13 horas á porta do Tribunal desta comarca, se ha-de vender e arrematar em hasta publica a quem maior lance oferecer acima do valor da sua avaliação, uma motora de pesca de arrasto deuominada «Jovem Paes», de que era patrão o subdito, espanhol Vicente Herera, apreendida pelo rebocador «Lidador», sita na doca desta cidade e avaliada em Esc. 5.000\$00.

Este barco é vendido na execução que o M.º P.º move contra aquele executado.

O Escriptão do 3.º officio

Bernardo José Ferreira

Verifiquei: O Juiz de Direito

A. Maltez

Liga dos Combatentes da Grande Guerra Agencia de Faro Convite

Devendo ter logar no proximo dia 9 de Abril, pelas 9 e meia has na igreja da Sé desta cidade uma missa rezada pelo rev.º padre Prelado, sufragando a alma dos que faleceram, combatendo naquele memoravel dia, pode-se a todos os combatentes, bem como aos habitantes desta cidade, para comparecerem áquele acto, honrando assim a memoria dos que se sacrificam pela Patria.

O Presidente da Direcção
José Joaquim Pacheco Major

Agradecimento

O segundo tenente de marinha Francisco Marques dos Santos e sua esposa, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, vem por este meio, agradecer muito reconhecidos a todas as pessôas que se interessaram pelas suas doenças, confessando-se muito gratos por todas as atenções recebidas.

ANTONIO NEVES PIRES

FARO

O MAIOR DEPOSITO DE VINHOS NO ALGARVE

Gratuitamente

Oferecemos á escolha dos felizes
1.000 FONOGRAFOS

a titulo de propaganda, aos mil primeiros leitores que encontrarem a solução exacta do hieroglifo seguinte e se conformarem com as nossas condições

CONCURSO

Substituir os pontos pelas letras que faltam e achar assim o nome de trez cidades:

L..B..A..P..T..C...B..A

COMPLETE ESTE ANUNCIO E REMETA-O AOS

Etablissements Vivaphone (Service P. 54) 116, Rue de Vaugirard PARIS 6^{eme} (FRANÇA)

Juntar um envelope preenchido claramente com o nome e endereço. NOTA—A correspondência para o estrangeiro deve ser franquiada com um selo de 1\$25.

AGENCIA MARITIMA L. DA

FARO

Telegr. SHIPPING

Agentes das C. as de Navegação

D/S A/S Spanskelinjen, Oslo.

Koninklijke Nederlandsche Stoomv. Maatschappij-Amsterdam
Stoomvaart Maatschappij "Nederland", Amsterdam

HOLLAND—Afrika Lijn, Amsterdam

HOLLAND—west-Afrika Lijn, Amsterdam

HOLLAND—Oest-Azie Lijn, Amsterdam e Rotterdam

HOLLAND—Amerika Lijn, Rotterdam

HOLLAND—British India Line, Rotterdam

ROTTERDAM—Zuid Amerika Lijn, Rotterdam

NAVEGAÇÃO COSTEIRA L. DA

LISBOA

Serviço REGULAR entre os portos do ALGARVE, LISBOA e PORTO

PIANO

Alemão, armado em ferro e em estado de novo vende-se na Avenida 5 de Outubro n.º 8-Faro

ÁFRICAS PORTUGUESAS

Manuel Guerreiro Matias representante das Companhias Nacional e Colonial de Navegação, en-

carrega-se de passagens em todas as classes, e documentações para as nossas Colónias.

Rua Conselheiro Bivar, 59
FARO

OUTONO

Novela por Thiago

Nada tem de superior. Não é alegre, mas tambem não é triste. E não é triste, porque acima deste sentimento se elevou, criando forma, a descrença, que projecta a uma luz morbida, através de todos os conceitos.

I

Chovera. A Avenida da Liberdade, áquella hora da noite, estava meia deserta. O asfalto abafava o ruido dos passos dos jarros transêntes que, embrulhados em abafos, caminhavam apressados, fugindo á temperatura que baixara repentinamente, dando a impressão de rigoroso inverno. No pavimento central, alcatroado, luzidio da chuva, escorriam luminosamente, semelhantes a fogos-fatuos de cores mirabolêscas, as claridades variadas dos lanternins dos autos rodando ligeiros. O aryredo alto esbatia a lumi-

nosidade dos fôcos electricos da iluminação e mergulhava em sombra os pavimentos lateraes.

Rodolfo subia lentamente, fumando um *Capstan* predilecto. Perto da meia-laranja da praça, que fecha a Avenida, percebeu um vulto de mulher, escucando-se na obscuridade, prote-

do o rosto com a gola do casaco de peles e com as abas de um *Coloche* de feltro negro. Demorou o passo. Os seus olhos, interrogantes, envolveram, interessados, o vulto, querendo, á viva-força, desvendá-lo, no meio da negrura em que se envolvia. Devia ser nova; tudo assim o indicava. Apercebia-se um traço

vermelho de *baton* a cortar-lhe as faces, manchando-lhe os lábios. Um sinal, nada mais! Seguiu: que lhe podia interessar? Uma mulher; um misterio enro-

upado em peles que se oculta porque se desvenda uma oferta que se nega porque se dá; uma dádiva... Emfim, uma mulher!.. E, abstracto, lançou para longe a ponta do cigarro, que zigzagueou luminosamente no espaço como fálha perdida. Parou maquiinalmente. Voltou-se; o vulto lá contiuvava imóvel, quasi indistinto, junto do tronco de uma velha faia, como se procurasse nela uma protecção valiosa que, talvez, lhe fôsse negada na vida.

E, lentamente, Rodolfo retrocedeu.

—Bôa-noite; murmurou. A mulher calou-se, como que presa de um enleio nervoso. Ele continuou:

—Quem espera?

—Toda a gente; respondeu com voz alterada e sumida.

Rodolfo impressionou-se. Havia um sofrimento latente na

quele resposta. Guardaram silencio. Em volta caíam fôlhas. A chuva havia recommçado.

—Venha; disse-lhe. Deu uns passos e ela, depois de um instante, seguiu-o. Chegaram á orla do passeio central. Viram-se projectados em plena luz. Ele voltou-se a examiná-la; porém, nada viu. A gola do abafio tinha subido mais e as abas do chapéu emsombrram-lhe o rosto. Encolheu os ombros. Num gesto rápido fez parar um *taxi*, e, á pergunta muda do *chauffeur*, respondeu:

—Para toda a parte...

—Fomos nós quem assim fizemos a vida; ou, por outra, cabe-te, sómente, a responsabilidade de tal. Com bem pouco me sentiria feliz... Felicidade! Desculpa a minha gargalhada!... Estou tonto!... Esquecia-me que a Felicidade não pode nascer das mãos de uma mulher; das tuas, por exemplo. E's demasiadamente fútil e egoista;

em ti só há a negação por êsse sentimento elevado, porque vi-

ves á margem de uma vida superior, numa perpétua exclusão dêsse âmbito de luz, porque maldosamente a não queres compreender. E's inamovível á verdade, porque a resumes namentira que constantemente sangra nos teus lábios venenosos. Não penses que fala em mim a «saúde» ou que as minhas palavras traduzam um despeito, por mínimo que seja... Não, proclamo-o com toda a fé da minha alma. O que passou por nós... morreu. Reviver o passado, calamente, não é sentir o desejo de o erguer do nada em que jáz, nem isso seria crível, quando, nem ao menos, se vive o presente... Tem disso a certeza.

Ela aconchegou-se mais entre as almofadas do *divan*, collocado a meio do aposento, rente da fimbria de um enorme *Arraiolos*, prêso no friso da parede. A luz, erguida numa columna de marmore negro, coada pela seda vermelha de um *abat-jour*, alastrava discreta, como

uma onda sanguinea, sobre os objectos, indifinindo-lhe as fórmas, e morria, por fim, numa penumbra forte, densa, nos recantos, num dos quais se elevava a folhagem lanceoladn de uma quência enorme. Sobre a fôia *carpete*, no circulo vivo da luz, numa mesa minuscule, de lacca negra marchetada a madreperola, brilhavam cristaes, com restos de licor esverdeado, a prata fôsea de uma taça de prata cheia de *bombons* e uma jarra de porcelana sangrenta de Sévres, de onde emermiam crisantemos brancos de pétalas esguias e penugentas,

—Quando te encontrei, há momentos, continuou Rodolfo, julguei enfrentar um caso banal da vida. Enganei-me. Mais uma vez o Destino, o pseudónimo de Deus quando não quer assinar, essa força inamovível, se comprazeu em me patentear, trazendo á superficie da realidade, o esquecimento que deveria ter por mim próprio.

(Continua)

GRAND PRIX
O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO-LONDRES 1904
PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES



Vinho Nutritivo de Carne
E o melhor tónico nutritivo que se conhece, fortificante, reconstituinte, desenvolvendo rapidamente o apetite, enriquece o sangue e fortalece os músculos. O seu uso é indispensável em todas as convalescências e casos de fraqueza geral. E' hoje o tónico mais recomendado pelos Médicos. Mais de 30 anos de resultados sempre eficazes. Um calix deste vinho representa um bom almoço.
Depósito GERAL-FARMACIA FRANCO, FILHOS
RUA DE BELEM, 174-LISBOA
A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

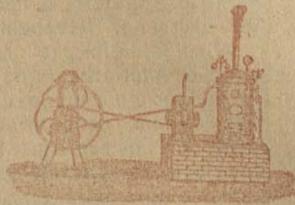
Marques, Vaz Velho & Caiado L.
IMPORT. & EXPORT.
FARO

Agencia de navegação para todos os portos do mundo

Fabrica de conservas de peixe

Fornecedores de caixotaria para conservas

Serralharia Mecanica e Civil
DE
J. Almeida & C.ª L.ª



EXECUTA COM PERFEIÇÃO TODOS OS TRABALHOS CONCERNENTES À SUA ARTE

Fundição de ferro e bronze pelos preços de Lisboa
ESTRADA DE ALPORTEL
FARO

Azeites Nacionaes

Garantidos, puros de oliveira por analyses officiaes

Fabricação esmerada em suas fabricas de moderna instalação, com os mais perfeitos maquinismos em EXTREMOZ

Americo da Cruz, L.ª

Marca A V N.º 1 (Branco) acidez maxima 0,3	Filtrados acidez de
A V N.º 2 (Natural) " " 0,9	1,5 a 5 graus
A V N.º 3 " " 0,9	

Pedidos aos representantes em Faro, Olhão, Tavira, Vila Real de Santo Antonio, Albufeira e Portimão

GRAÇA & MARTINS, L.ª

Rua Vasco da Gama, 81—FARO

A Prestações Semanaes

Se adquirem as celebres



COMPANHIA FABRIL SINGER

Concessionario em Portugal

ADCOCK & COMPANHIA

Rua D. Francisco Gomes, 38

— FARO —

Cimento LIS

Empreza de Cimentos de Leiria

Cimento branco LAFARGE para imitação de pedra de cantaria

Agente e revendedor

Empreza Fabril do Algarve, L.ª

— FARO —

FARINHAS

E
SEMEAS

Das fabricas

Moinhos Reunidos, L.ª

SABÕES

Da fabrica

Dias Ferreira, L.ª

Optimas qualidades. Os melhores preços

DEPOSITARIOS:

GRAÇA & MARTINS, L.ª

Rua Vasco da Gama, 18—FARO

«O Algarve» vende-se em Faro na Livraria Capela

ATENÇÃO

Agora que a C. E. Faro pode fornecer energia em abundancia, não deixeis de comprar um ferro electrico de engomar que na antiga casa Marreiros se vende pela insignificante quantia de Esc. 40\$00.

E' aproveitar porque o saldo está quasi esgotado.

Praga D. Francisco Gomes, 1

FARO (115)

Avela, Cevada e Fava

AOS MAIS REDUZIDOS PREÇOS DO MERCADO

VENDEM

Guerreiro, Cabrita & Guerreiro Ltd.

MESSINES

Propriedade

Vende-se no sítio do Patacão, com casa, com seis divisões, três casas para rendeiros, ramada, etc, com quatro noras, bastantes arvoreds de fruto e pinhal. Tratar na Rua D. Francisco Gomes n.º 29, Faro.

PHILIPS

Desejais ter uma boa iluminação em vossa casa? Compre a unica lampada que vos pode servir, pois dá melhor luz do que qualquer outra e com menos consumo (117)

Philips, e sempre Philips

Antiga casa Marreiros Praga D. Francisco Gomes, —FARO)

O MELHOR GRAMOFONE É O



Superior a todos os estrangeiros

O GHARB É CONSTRUÍDO NA ÚNICA FABRICA PORTUGUESA DE GRAMOFONES, SOB A DIRECÇÃO DE UM TECNICO ESPECIALISADO

O Gharb só se vende nos bons estabelecimentos

Não comprem aos estrangeiros, quando ha melhor em Portugal

Grandes descontos e vantagens aos revendedores

PEDIDOS AOS:

Fabricantes:— Frederico Ramos Dias & Martins

(RUA DO COMERCIO 105 A 109—OLHÃO

Distribuidores Gerais:—Otrins & Afonso, Limitada

RUA DA PRATA 173-1.ª—LISBOA

TRABALHOS TIPOGRAFICOS

: Executam-se com: rapidez e perfeição

TODOS OS TRABALHOS TIPOGRAFICOS QUE O CLIENTE QUIZER, OS QUAES ESTÃO ACIMA DE TUDO PELA PREZIOSIDADE, MODICIDADE DE PREÇOS, RAPIDEZ E PERFEIÇÃO, FA-LOS A TIPOGRAFIA DE O ALGARVE PARA O QUE NÃO SE POUPOU A SACRIFICIOS REMODELANDO E ORGANISANDO OS SERVICOS PARA ATENDER A QUEM DESTE TRABALHOS NECESSITE.

Quem tiver amor ao dinheiro e tenha gosto, deve procurar quem melhor e mais barato o sirva

Perfeição e economia

O Algarve vende-se em Lisboa na Tabacaria Monaco

NA TIPOGRAFIA DE «O ALGARVE», EXECUTAM-SE TODOS OS TRABALHOS CONCERNENTES A ESTA ARTE E DE ENCADERNAÇÃO COM PERFEIÇÃO, RAPIDEZ, POR PREÇOS, RELATIVAMENTE ECONOMICOS